

Fabrício Donizete da Costa, pitacos baratos de um poeta

Fabrício Donizete da Costa é médico-residente em Psiquiatria no Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp. Escreve desde que começou a ler. Primeiramente, cartas à uma tia distante e à professora primária. Poesias, diários e contos foram aparecendo ao longo da adolescência, assim como o hábito de ler Guimarães Rosa, Drummond, Adélia Prado, Paulo Leminski, Ana Cristina César, Virginia Woolf, Dino Buzzati e Rainer Maria Rilke.

Escreve para aumentar sua potência de vida, capacidade de inovação e renovação. Para ele, a imaginação, na forma poética, é uma amizade e poucas amarras. Publica seus contos e poemas no blog pitacosbaratos.tumblr.com

O MÉDICO

Na casa de taipas,
guarda o pai frente à filha em febre ardente.
A mãe, em prantos, está de joelhos.
Fala frases ininteligíveis,
aos anjos destinadas.
A criança apenas geme.
Os irmãos brincam no outro canto,
tentam amenizar a seriedade da cena.
Aguardam todos o doutor,
sua maleta,
suas pílulas,
suas palavras.
Ouve-se entre o alívio e os suspiros,
o trote do cavalo e do passo humano.
Chegou o doutor.
A porta se abre.
O médico vê pela luz da vela,
a escuridão da cena:
Tão moça...
Tão grave...
Debruçados sobre o leito,
pensa o médico,
reza a mãe,
observa o pai,
brincam os irmãos.
O médico pondera,
mão no queixo,
pés no chão.
Tão esperado,
mas tão limitado,
tão humano,
em contextos teocêntricos...
O silêncio fez-se o vocábulo de escolha.
A vigília, a atitude de honra.
A noite, a mais longa em aparências.





NINHOS

Não consigo entender
porque os ninhos
são tão altos...
Quem sabe,
uma hipótese,
seja que os sonhos,
nos altos,
nasçam cedo,
com suas plumas para voar.

PORTA AZUL

Foi-me orientado
por diversos especialistas
que as cores poderiam
ludibriar a demência de minha avó.
Resolvemos usar a tinta
para interagir em sua ausência.
A casa ficou amarela,
meio gema, meio às claras.
A porta, azul,
não dava ao céu alento
nem saída ao esquecimento.
O chão continuava cinza.
O cheiro ainda era azedo.
Só não vejo mudança
na palidez das retinas octagenárias.
Um tremor aflitivo nas mãos de minha avó.
Deixa-me branco, a cor da memória senil.
Quando pintamos a casa,
faltava uma vontade verde nos pincéis.

PESADO

Pesado é o peso
do quilo de pena
ou da medida de chumbo
do passado?

Pesa o pó
fermento do tempo
sujeira do dedo
num canto encravado.

Sai de mim
essa dureza
essa destreza.

Entra sem pedir
essa leveza
esse devir.

VIROSE

Peguei uma raiva
meio de repente
como se fosse gripe.

Espirrei impropérios
em salvas brutais
assoei a ira mucosa.

Respiro, hoje
sem ajuda de conselhos.

Sem pesos nos pulmões
Sem expectorar expectativas.

Arejado
com a solidão
Raiva boba,
temporã,
sofro mais não.

Se você escreve, mande seus poemas,
contos ou crônicas para imprensa@fcm.unicamp.br